



Tradição Oral - Cumeada, concelho da Sertã.

Registos realizados em abril de 2025, na Cumeada, como Guilhermina Lopes (92 anos), Evangelina Simão (85) e Guilhermina Simão (90), que, tal como Manuel Lopes e Maria Helena Antunes (de Bernardia) partilham memórias do passado rural.

A oralidade surge aqui em múltiplas formas: contos de bruxas e lobisomens, adivinhas, anedotas, romances trágicos, serões festivos, cantigas ao desafio e orações populares. Estes relatos misturam crítica social, humor, devoção entre outros temas, ilustrando uma visão do mundo moldada pela experiência rural e comunitária. Também se destacam cantigas de roda e narrativas de infância que nos aproximam da vivência quotidiana de outras épocas.

Link para a página web com vídeos: <https://memoriamedia.pt/index.php/cumeada-tradicao-oral>

Cantigas ao desafio

As cantigas ao desafio faziam parte do quotidiano rural das populações do interior, especialmente durante os trabalhos sazonais. Segundo testemunho de Guilhermina Lopes, de 92 anos, natural da Cumeada (Sertão), era comum entre irmãos, vizinhos e colegas de trabalho cantarem enquanto trabalhavam no campo, na apanha da azeitona ou a vindima. As quadras surgiam espontaneamente, e o canto transformava-se num jogo de respostas rápidas, em que se alternavam provocações, declarações amorosas e troça subtil.

Quem quiser comprar os homens,
amanhã é em Leilão.
Os casados a dez reis,
os solteiros a meio tostão.

Ó meu amor, vem me ver
lá pra quarta ou quinta-feira,
que eu não posso andar
sem te ver uma semana inteira.

Segunda-feira te amo,
à terça-feira te quero bem,
à quinta por ti espero,
à quinta por mais ninguém.

Anda lá para adiante,
que eu atrás de ti não vou,
não me pede o coração
amar a quem me deixou.

Andá lá para adiante,
ou te tiras do caminho,
quem vai pr'amar a outro
não vai tão devagarinho.

Vai-te embora meu amor
já é meia-noite dada,
vai ouvir da tua mãe
sermão e missa cantada.

Meu amor fala-me à noite
quem namora não tem medo,
eu tenho pra te contar
palavrinhas em segredo.

Meu amor fala-me à noite
o pessegueiro da vinha,
a minha mãe não está cá,
o meu pai não adivinha.

Se for ao Alentejo
diz-me que eu também lá quero ir,
quero ir buscar uma rosa,
que me lá ficou a abrir.

Se for ao Alentejo
diz-me que eu também lá vou,
quero ir buscar uma rosa
que me lá ficou.

Da janela do meu quarto
vejo a casa do meu sogro,
não é pelo pai que eu choro,
é pelo filho que eu morro.

Não me importa que vendimes
vinha que já vendimei,
não me importa o que tu ames
a quem eu já por gosto deixei.

Fui um ano à vindima,
não gostei de vendimar.
Roubaram-me o meu amor,
olha o que eu lá fui ganhar.

Não fales comigo, não fales não,
que eu não sou o teu amor,
Eu não sou como à figueira
Que dá figos, não dá flor.

E o meu amor é da vila,
mora atrás da cadeia,
e vale mais um amor da vila
que vinte ou trinta da aldeia.

Eu hei de ir à tua terra,
Ouvir a missa do dia,
Já que tanto me gabaram
essa tua freguesia.

Essa tua freguesia
dela não vou contente
é terra de tanta uva,
nem um copo dão há gente.

Para cantar doí-me um dente,
para dançar uma perna,
quem me quiser ver contente
à porta de uma taberna.

Venha o copo e venha vinho,
E venha mais meia canada,
Eu sem o copo não bebo
Eu sem o vinho não sou nada.

Cantiga é interpretada por Guilhermina Lopes, de 92 anos, residente na aldeia da Cumeada, no concelho da Sertã. Abril 2025.

A cantiga “Lá atrás da Ponte Nova” narra o destino trágico de uma jovem que, ao ser rejeitada pelo seu amado, decide pôr fim à vida atirando-se à linha do comboio. Como outros romances tradicionais, esta cantiga expressa o desespero amoroso e a condição feminina numa época em que o casamento representava um evento fundamental no percurso de uma mulher.

Lá atrás da Ponte Nova

Lá atrás da Ponte Nova está lá uma palmeira.

Lá atrás da Ponte Nova está lá uma palmeira.

Foi a onde se matou uma menina solteira.

Foi a onde se matou uma menina solteira.

Era pequena e nova, já sabia namorar.

Era pequena e nova, já sabia namorar.

Foi pedir ao seu amor e já se queria casar.

Foi pedir ao seu amor e já se queria casar.

Se já te queres casar, chegaste da boa hora.

Se já te queres casar, chegaste da boa hora.

E olha que a minha intenção é de embarcar para fora.

E olha que a minha intenção é de embarcar para fora.

Embarca meu bem embarca, que eu não te posso estorvar.

Embarca meu bem embarca, que eu não te posso estorvar.

No comboio que embarcares, à linha me vou deitar.

No comboio que embarcares, à linha me vou deitar.

Estava a arear o fogão, nem acabou de ariar.

Estava a ariar o fogão, nem acabou de ariar.

Quando o comboio apitou, à linha se foi deitar.

Quando o comboio apitou, à linha se foi deitar.

A mulher do General ainda levantou bandeira.

A mulher do General ainda levantou bandeira.

Mas triste dela, coitada, e ficou atrás da palmeira.

Mas triste dela, coitada, e ficou atrás da palmeira.

O romance tradicional “Juliana e Dom Jorge” existe em várias versões orais ibéricas e latino-americanas, mantendo sempre o núcleo trágico de um amor frustrado e uma vingança disfarçada. A narrativa centra-se na figura de Juliana, que, ao saber que Jorge, seu antigo prometido, vai casar com outra, o recebe com cortesia, mas oferece-lhe vinho que o faz perder a visão e, eventualmente, morrer.

A cantiga é interpretada por Guilhermina Lopes, de 92 anos, natural da Cumeada (Sertão). Guilhermina recorda os serões da juventude, passados à lareira, enquanto fiava com a mãe e a irmã e cantavam.

Abril 2025

Que tens tu, minha filha? Estás fartinha de chorar.

Que tens tu, minha filha? Estás fartinha de chorar.
Que tens tu, minha filha? Estás fartinha de chorar.
Disseram-me há bocadinho, que o Jorge está pra se casar.
Disseram-me há bocadinho, que o Jorge está pra se casar.

Não se rale ó minha mãe, nem meu pai que me criou.
Não se rale ó minha mãe, nem meu pai que me criou.
E Jorge também se engana, assim como ele me enganou.
E Jorge também se engana, assim como ele me enganou.

Lá em baixo vem o Jorge no seu cavalo montado.
Lá em baixo vem o Jorge no seu cavalo montado.
Boa tarde, ó Juliana, diz-me como tens passado.
Boa tarde, ó Juliana, diz-me como tens passado.

Disseram-me há bocadinho que estavas para casar.
Disseram-me há bocadinho que estavas para casar.
E é verdade, ó Juliana, eu venho pra te convidar.
E é verdade, ó Juliana, eu venho pra te convidar.

Pera aí um bocadinho enquanto eu vou ó sobrado.
Pera aí um bocadinho enquanto eu vou ó sobrado.
Buscar um copo de vinho, para ires mais consolado.
Buscar um copo de vinho, para ires mais consolado.

Que deitaste no copo, que deitaste tu no vinho?
Que deitaste no copo, que deitaste tu no vinho?
Eu já tenho a vista turva, eu já ã vejo o caminho.
Eu já tenho a vista turva, eu já ã vejo o caminho.

Quando minha mãe julgava que tinha o seu filho vivo.
Quando minha mãe julgava que tinha o seu filho vivo.
Também a minha julgava que tu casavas comigo.
Também a minha julgava que tu casavas comigo.

[Torradas novas torradas (?)], por cima cambraia fina.
[Torradas novas torraias (?)], por cima cambraia fina.
E esta morte foi causada por causa de uma menina.

A cantiga interpretada por Guilhermina Lopes (92 anos), acompanhada por Evangelina Costa (85 anos) e Guilhermina Simão (90 anos), da Cumeada, Sertão.
Abril de 2025

Cantiga com ritmo repetitivo e tom satírico, insere-se no universo das parlendas ou cantigas de roda. A figura do “diabo da velha” representa uma personagem caricatural e transgressora que gosta de brincar e, neste caso, deseja casar com um rapaz, evocando humor popular e crítica social.

Ela tem, ela quer e ela gosta [O Diabo da Velha]

Ela tem, ela quer e ela gosta
Café de chicolateira [chocolateira]

Olha o diabo da velha
Que gosta de brincadeira
Olha o diabo da velha
Que gosta de brincadeira

Que gosta de brincadeira
Que gosta de ver brincar
Que gosta de brincadeira
Que gosta de ver brincar

Olha o diabo da velha
Que ainda agora quer casar
Olha o diabo da velha
Que ainda agora quer casar

Que ainda agora quer casar
Com o rapazinho bem novo
Que ainda agora quer casar
Com o rapazinho bem novo

Olha o diabo da velha
Que ainda agora deu fogo

Evangelina Simão, 85 anos, e Guilhermina Lopes, 92 anos, ambas residentes na Cumeada, Sertão. Juntas, entoam uma cantiga popular transmitida localmente, com uma melodia que evoca temas naturais e sazonais.

Abril 2025

Aqui canta a cuca

Aqui canta a cuca,
Aqui canta o gaio,
Aqui canta a cuca,
Lá no mês de maio.

Lá no mês de maio
Já lá vão estes dois meses
Já lá vai a liberdade
Com que eu te falava às vezes

Aqui canta a cuca,
Aqui canta o gaio,
Aqui canta a cuca,
Lá no mês de maio.

Guilhermina Lopes, tem 92 anos e reside na Cumeada, concelho da Sertã. Abril 2025

Adivinhas

Qual coisa, qual é ela que é branca por fora, negro por dentro e vermelho na ponta?
É o cigarro.

Qual coisa, qual é ela que é pequenino como uma pulga e dá umas orelhas como às de uma burra?
Semente de couve.

Qual coisa, qual é ela que é pequenino como uma abelha e enche casa até à telha?
Eram as luzes que antigamente agente usavam no azeite ou no petróleo.

Qual coisa, qual é ela que em cima de ti estou, em cima de ti me tenho e não me vou daqui embora sem meter o que tenho.
Sapato.

Anedotas contadas por Guilhermina Lopes, de 92 anos, natural da aldeia da Cumeada, no concelho da Sertã. Guilhermina preserva um conjunto de narrativas orais transmitidas entre gerações no seio familiar ou em contextos informais. As anedotas que partilha são típicas da tradição popular portuguesa e revelam uma crítica bem-humorada às instituições, especialmente à Igreja e à moral sexual, recorrendo ao duplo sentido e ao jogo de palavras.
Abril 2025

Anedotas

1. Havia três comadres que foram à igreja

Havia três comadres que foram à igreja e beberam um cálice de aguardente antes de ir para a missa.

E uma meteu a mão na pia de água benta e disse [benzendo-se]:
“Ó comadre, olha que ela era boa.”

A outra meteu a mão e disse [benzendo-se]:
“Ó comadre, olha que ela parecia de medronho.”

E a outra meteu a mão e disse [benzendo-se]:
“Ó comadre, à ida para cima passamos por lá.”

2. Havia um padre que deu uns sapatos a uma amante

Havia um padre que deu uns sapatos a uma amante.

Foi para o confessionário e pareceu-lhe que ela estava lá, mas não era ela.

E quando ela se ajoelhou e foi lá para se confessar, ele pensou que era ela e disse:
“Olha lá, os sapatos que te comprei estão-te bons?”

E ela levantou-se de lá para fora, e disse:

“Mas eu pensei que me estava a confessar a um padre, mas ele é um sapateiro!”

3. Iam duas para a confissão

Iam duas para a confissão.

E uma disse assim:

“Ó comadre, espera aí que eu vou ver se está alguém na sacristia.”

Foi lá, estava lá o padre mais uma amante.

Chegou à outra e disse:

“Ó comadre, vamos embora que a confissão hoje é de pernas para o ar e eu não trouxe as cuecas.”

Evangelina Costa, de 85 anos, da Cumeada (Sertão), recorda com alegria os serões em casa dos avós, onde viviam cerca de 16 pessoas. Havia música, dança e trabalho partilhado: uns tocavam, outros cantavam; as tias faziam mantas, uma era tecedeira, outra modista. Conta que a tia tirava com cuidado a chave escondida pelo avô a dormir, para ir buscar vinho à leira numa picheira de barro. Para ela, era melhor passar ali uma noite do que ir a qualquer festa da época. Abril, 2025.

Serões na Aldeia

“Eu estou-lhe a dizer que valia mais ir passar uma noite a casa dos meus avôs do que ir à melhor festa que havia naquele tempo. Sabe porquê? Eram 16 pessoas diárias naquela casa. Quando ia algum neto, já ultrapassava.

Era a minha avó e o meu avô.

Eram três irmãos do meu avô que nunca se casaram, que ajudaram a criar aquela zarelhada de filhos — que eram 10.

A minha mãe era a mais velha. Aquilo era uma santidade.

É o que lhe digo: eu, em miúda, os netos, tudo corria para ali.

Uns tocavam píforo, outros tocavam flauta, outros cantavam.

Olhe, era mesmo... era uma festa.

As minhas tias velhotas rasgavam as roupas que já não se usavam (...) faziam as tiras para as mantas.

Tinha uma tia que era tecedeira, tinha outra que era modista.

Olhe, tudo tinha empregos. Aquilo era uma maravilha.

O meu avô costumava esconder a chave debaixo da travesseira.

Mas depois tinha um sono muito pesado, adormecia, e a minha tia ia lá, com muito jeitinho, e sacava as chaves.

Chegava em baixo, à cozinha, e dizia assim:

“António, anda cá.”

Ele lá ia.

“Toma lá.” (Dava-lhe uma picheira, daquelas que se usavam antigamente, de barro.)

“Vá, toma lá a chave e vais à leira buscar uma picheira de vinho para esta malta toda.”

Aquilo ali era um céu aberto.

Tudo cantava, tudo dançava.

É o que eu lhe digo: valia mais ir lá passar uma noite do que ir à melhor festa — que, naquele tempo, também não eram muitas as festas.”

As histórias de bruxas contadas por Evangelina Simão (85 anos) e Guilhermina Lopes (92 anos), da Cumeada (Sertã), fazem parte da tradição oral passada de geração em geração. Nestes relatos, as bruxas aparecem como figuras misteriosas ligadas a lugares específicos e a acontecimentos estranhos, como danças noturnas ou doenças de animais. Estas crenças ajudavam as pessoas a explicar o que não compreendiam e fazem parte da memória e identidade da comunidade. Abril 2025

Histórias de Bruxas

Guilhermina Simão, 90 anos, residente na Cumeada, Sertã.

As bruxas que tinham lá um sítio, lá na ponta do Cabeço, que nem era nem o Mato lá nascia. Era o Baile das Bruxas.

Pois, mas primeiro tinha de adormecer o marido e os filhos, e depois é que iam lá a dançar, aquelas bruxas todas.

Chamavam o Baile das Bruxas.

Pois era.

E o meu avô, uma vez que ele tinha uma irmã que morava na... na, no Vilar. E então de um lado havia casas, e no outro..., havia uma ribeirita, que lhe chamam a Ribeira Pequena e do outro lado havia outro... e depois é que era o casal. E o meu avô dizia: “Anda cá, anda cá que eu vou-te mostrar onde é o baile das bruxas.” E estava assim um arredondo. Parece que estava mesmo feito... assim... mesmo uma coisa. E nem nascia lá mato nem nada.

Pois elas dançavam lá.

Pois! E o mato não nascia.

E o meu avô dizia assim: “Pois mas elas vão sempre tarde, porque têm que adormecer o marido e os filhos e depois é que iam dançar.

Guilhermina Lopes, 92 anos, residente na Cumeada, Sertã.

Um homem foi tinha um boi doente e foi a um ervanário, para ver se lhe dava uma mezinha para o boi.

E ele dissera: “Você leva uma luz debaixo dum capote, debaixo um tapa (para tapar a luz) e quando vir os bois a mexerem-se, você tira a luz. Você há de a ver uma sombra a subir pela parede acima. Dê-lhe uma pancada na sombra”.

E o homem fez assim. E quando os bois lá se mexeram, sacudiram as orelhas ou qualquer coisa assim. O Homem tirou a luz e viram uma sombra pela parede acima e deram uma pancada, que era uma vizinha. E ela dissera para ele: “Se tu me descobrires, eu mato-te!”.

As histórias sobre lobisomens, contadas por Guilhermina Lopes, Evangelina Costa e Guilhermina Simão, da Cumeada (Sertão), falam de figuras misteriosas que surgiam à noite, correndo pelas ruas como se fossem mato a rolar com o vento, em grande velocidade. Diz-se que batiam às portas, não eram reconhecidos e causavam medo. Estas histórias mostram como as pessoas explicavam o desconhecido com base nas crenças da comunidade. Abril 2025

Histórias de Lobisomens

Guilhermina Lopes:

Havia um homem que já morreu.

Ele, quando vinha da namorada, nem ia... atravessava-se o quintal e punha-se lá numa parede... (...)

Parecia que era uma carrada de mato pela rua abaixo e acima...

Passava pela rua abaixo e acima. Pela rua abaixo e acima...

Evangelina Costa:

Eram os lobisomens...

Guilhermina Lopes:

Pois, é isso é.

Guilhermina Simão:

Batiam nas portas. Quando iam assim... ninguém os conhecia.

Guilhermina Lopes:

E tenho um, que até era meu tio, ouviu barulho na rua e abriu uma janela e deitou a cabeça assim [fora da janela].

Diz que lhe deram uma bofetada na cara — uma mão muito fria.

Guilhermina Simão:

Pois.

Evangelina Costa:

Ele andava naquele estafego, rua abaixo e rua acima.

E houve um vizinho meu: “Andas aí armado em palhaço, qualquer dia quem te vai...” (...)

E depois juntou-se lá numa quina com uma barra com um pico.

Quando ele ia a passar, [picou-o].

Ele já não passou dali — [tirou-lhe o fado].

E ele foi com o vizinho para casa — [curado].

E ele pediu-lhe logo [segredo]:

“Tu nunca digas tal coisa. Eu era o maior desgraçado que andava aqui.”

**Tradição Oral
Sertã**

Participantes

Guilhermina de Jesus Lopes
Evangelina Santos Costa
Guilhermina Nunes Simão

Produção

Câmara Municipal da Sertã
Carlos Miranda, Presidente da Câmara Municipal
Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes
Ana Sofia Marçal
Memória Imaterial

Assistência à produção

Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes
Maria Amaro

Imagem, som e montagem

Memória Imaterial
José Barbieri
Filomena Sousa

Fotografia

Memória Imaterial

Entrevista

Filomena Sousa

2025